

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO (COGEAE)

Rosane Mincis Varnovitzky

Identidade de gênero: Uma caminhada em busca de um novo
lugar na família

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO (COGEAE)

Rosane Mincis Varnovitzky

Identidade de gênero: Uma caminhada em busca de um novo
lugar na família

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Terapia Familiar e de Casal, sob orientação da Profa. Dra. Marilene A. Grandesso.

São Paulo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que desde sempre me ensinaram a importância do conhecimento.

Eles, que foram exemplo e inspiração!

Ao meu marido Mauro, que tantas vezes abriu mão do nosso tempo para que eu me entregasse a essa vivência

Aos meus filhos Aline e Marcelo.

Que vocês ousem sempre, em qualquer época de suas vidas !!

Porque a realização faz tudo valer a pena !

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha cliente, que me permitiu adentrar em seu universo de significados.

A minha querida orientadora Marilene que, com seu profundo conhecimento, me conduziu a um caminho de superação e conhecimento.

A todos os professores do curso, que me abriram tantos novos horizontes.

VARNOVITZKY, Rosane Mincis. *Identidade de gênero: uma caminhada em busca de um novo lugar na família*. 2022. 51f. Monografia (Especialização em Terapia Familiar e de Casal) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE), São Paulo, 2022.

RESUMO

A pós-modernidade abriu caminho para novos olhares em relação à diversidade. Tanto a mídia quanto empresas e universidades defendem a ideia da liberdade de expressão da sexualidade. Não obstante, no âmbito privado, ainda venho testemunhando histórias de preconceito em família, quando algum membro se define homoafetivo. Como psicoterapeuta considero importante colocarmos um foco de luz no sofrimento individual e coletivo envolvendo questões de homoafetividade. Neste trabalho relato a caminhada evolutiva de uma cliente, desde o momento em que assumiu sua identidade de gênero como lésbica em uma família com valores heteronormativos. Ao colocar um zoom nos detalhes da história desta cliente, busquei uma ampliação de consciência social, tomando-a como porta voz de tantas outras espalhadas na sociedade. Considero o tema relevante por contribuir para a reflexão de terapeutas e familiares, a respeito da distância entre se praticar um discurso de aceitação e a vivência com um membro da própria família, que não representa a visão dominante de heteronormatividade. Para a realização deste trabalho, utilizei registros de sessão e um questionário. Optei por relatar a história em forma de narrativa, destacando falas e trechos que considere relevantes, embasando-os teoricamente segundo a epistemologia construcionista social. Procurei dar ênfase ao conceito de identidade de gênero e sua evolução ao longo dos anos, além de buscar um breve olhar para o desenvolvimento da mulher em busca de um espaço para ser e existir na sociedade brasileira, desde meados do século XX. A história da cliente foi subdividida em momentos distintos, como "encontro com a sexualidade", "enfrentamento e preconceito na família", "o processo de aceitação - busca de pertencimento", "resgate familiar - reconstruindo a comunicação", "a relação terapêutica - nossa construção de vínculo" e, por fim, "processo terapêutico como suporte para transformação". Procurei descrever o universo de significados que envolvem uma relação familiar e suas consequências e transformações ao longo do tempo, em busca da manutenção do núcleo amoroso e das relações de afeto, apesar das diferenças individuais de cada um.

Palavras-chave: Preconceito. Família. Homossexualidade. Casais homoafetivos. Gênero.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - MOMENTOS SIGNIFICATIVOS DA HISTÓRIA DA MULHER A PARTIR DO SÉCULO XX	14
1.1 A mulher no século XX	14
1.2 A arte e o feminino no século XX	16
1.3 Feminismo no Brasil do século XX	18
CAPÍTULO 2 - OLHAR APROFUNDADO SOBRE A QUESTÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO	21
2.1 Século XXI - a ampliação de possibilidades amorosas	21
CAPÍTULO 3 - MÉTODO	26
CAPÍTULO 4 - A HISTÓRIA DE FLÁVIA	28
4.1 Meu olhar como terapeuta	28
4.2 Uma breve apresentação de sua história	29
4.3 Primeiro encontro com a sexualidade	30
4.4 Enfrentamento e preconceito na família	32
4.5 O processo de aceitação - busca de pertencimento	36
4.6 O resgate familiar - reconstruindo a comunicação	37
4.7 Relação terapêutica - nossa construção de vínculo	39
4.8 Processo terapêutico como suporte para transformação	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	51

INTRODUÇÃO

*Eu sou o que sou
Eu sou minha própria criação
exclusiva
Então, venha dar uma olhada
Me dê a força
ou a ovação
É o meu mundo
Daquilo eu quero ter um pouco de
orgulho
Meu mundo,
E não um lugar que eu tenho que
me esconder dentro
A vida não vale nada até que eu
possa dizer
"Eu sou o que sou"*

(Glória Gaynor)

É inquestionável o diferencial do século XXI, quando nos referimos a temas relacionados à diversidade. Vivemos um tempo em que considerável número de empresas buscam uma política inclusiva, onde se investe no ideal de uma convivência harmoniosa entre pessoas distintas, onde possa existir um espaço para a liberdade de expressão da sexualidade. Existe claramente um movimento em direção a uma sociedade menos preconceituosa, mais receptiva a novas ideias e a uma ampla possibilidade de relacionamentos amorosos. Vivemos um momento bem representado na letra de uma música de Milton Nascimento (1975): "Qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor vale amar".

Quem estuda a história da homossexualidade desde os primórdios, quem assistiu ao filme *Stonewall - onde o orgulho começou*, sabe muito bem que aqueles que se definiram sexualmente divergentes das exigências sociais da época, tiveram que percorrer um caminho tortuoso, repleto de ruas sem saída, tombos em paralelepípedos, caminhadas em ruas escuras, o que metaforicamente nos remete a um cenário sombrio, de angústia, sofrimento e falta de perspectiva.

Quando nos aprofundamos nos fatos ocorridos no início do XX, nos defrontamos com famílias que convictamente expulsavam seus filhos de casa, da convivência parental, da cidade onde moravam, pelo simples motivo de se definirem homoafetivos. Eles eram ridicularizados pelos amigos e motivo de chacota em meios escolares e sociais.

Trevisan (2018) descreve, em seus escritos, a história da homossexualidade no Brasil. Ele relata com detalhes casos de discriminação e preconceito vivenciados por pessoas anônimas e famosas, que foram tolhidas de sua liberdade de expressão da sexualidade.

A virada do século renovou a esperança de uma convivência humana mais acolhedora. Gradualmente, ano a ano, novos espaços de convivência foram sendo inaugurados e, por fim, após longo período de chuvas torrenciais, abriu-se um arco íris no horizonte das terras brasileiras. O discurso pró-diversidade sexual foi endossado por vários setores da sociedade e, no âmbito público, leis anti discriminação foram criadas e defendidas na mídia, nas universidades, estabelecimentos comerciais e nas manifestações artísticas como um todo. Os dizeres “*Não ao preconceito*” foram sendo propagados de boca em boca, em alta velocidade. De fato, todas estas constatações apontam para uma nova era de convivência entre seres iguais e diferentes, todos juntos e misturados.

Mas, nem tudo se fez colorido neste significativo movimento de transição. A imagem dos anos 2000 é permeada por variações e contrastes, onde podemos encontrar diversas famílias buscando se reinventar e se reorganizar como núcleos afetivos, enquanto outras se comportam de forma reativa a mudanças.

Recente pesquisa realizada pela Havaianas/Datafolha (2022)¹, destaca que 35% do Grupo LBTQIA+ relatam preconceito e hostilidade no ambiente familiar e esta constatação nos faz refletir sobre a importância de buscarmos dar movimento àquilo que está cristalizado, ou seja, às reações intempestivas destes familiares, à falta de flexibilização diante de contextos não habituais.

Pretendo, por meio deste trabalho, dar visibilidade a este grupo marginalizado em núcleos que supostamente deveriam ser seu porto seguro. Trata-se de contextos de rejeição e sofrimento que permeiam a vida destas pessoas, que muitas vezes

¹ Pesquisa do Orgulho havaianas. Disponível em: https://www.pesquisadoorgulho.com.br/?s=ambiente_de_trabalho. Acesso em: 10 dez. 2022.

procuram acolhimentos nos consultórios psicológicos. Muitas delas chegam assustadas, buscando no encontro terapêutico uma relação de ajuda.

Sant'anna e Daspett (2007) evidenciam, em seus escritos, a trajetória dos relacionamentos homoafetivos em uma sociedade que discrimina o diferente, promovendo sentimentos como medo de rejeição dos familiares, de contradizer as expectativas da comunidade a qual pertencem.

Quanto mais me aproprio de novos conhecimentos a respeito deste tema, mais clara para mim a relevância de podermos acender as luzes destes quartos escuros, para que possamos olhar atentamente tanto os indivíduos quanto os sistemas familiares que se mostram impossibilitados de se organizarem enquanto núcleo amoroso. Isto como decorrência de frustrações e desilusões que permeiam e infectam o ambiente como um todo.

Refiro-me aqui às frustrações provenientes da intolerância à diversa gama de possibilidades amorosas que a contemporaneidade nos oferece. Destaco aqui apontamentos de Macedo (2008), onde aborda a evolução da sociedade no que diz respeito ao conceito de gênero, que antigamente se restringia à ideia simplista de que homem é referente ao gênero masculino e mulher, ao feminino, mas que hoje agrega uma infinidade de alternativas intermediárias possíveis.

Busco, por meio deste trabalho, me aproximar da privacidade de famílias, que se defrontam com a veracidade de seu próprio discurso, que muitas vezes se mostra contraditório, conflitando entre o posicionamento social, livre de preconceitos, e o âmbito privado, onde a máscara cai e a discriminação vigora.

Como terapeuta individual e também de família, tenho tido a oportunidade de conhecer a intimidade da vida de meus clientes, me conectando com seus medos e desafios. Dentre quatro paredes, os diálogos secretos, as frases obscuras, a agressividade contida, tudo isso se manifesta e dá dinamismo a temas complexos, relacionados a questões de gênero.

Seguem algumas frases recorrentes que escuto nos encontros terapêuticos e que demonstram o contraste entre a fala pública e a privada: “eu não tenho nada contra gays, quero que tenham seu espaço na sociedade. Mas não dentro da minha casa”; ou “até posso aceitar esta relação, mas nunca vou te apresentar aos amigos”; “cada um faz a sua escolha, sem preconceitos, mas desde que seja fora da minha família”. E é por ouvir tantas frases incoerentes ou preconceituosas nas sessões de

terapia que escolhi trazer o tema a público para que possa promover reflexão e ampliação da consciência sociocultural.

Olhando pelo lado da família que busca ajuda terapêutica, ao se deparar com um de seus membros como homoafetivo, tenho me dado conta de que sua jornada em busca de harmonização está longe de ser linear. Ela é irregular, complexa, e muitas vezes, se mostra paralisada em algum momento ou algum ponto do percurso, da mesma forma que ocorre quando caem barreiras e a estrada fica intransitável por longos períodos, e ninguém se movimenta.

Eu, como terapeuta, venho testemunhando este cenário há muitos anos. Os clientes chegam ao consultório quando a estrada se encontra obstruída, em busca de auxílio, da mesma forma que acontece nas rodovias. Assim como fortes chuvas podem ser a causa da queda de barreiras, de forma similar, uma grande frustração nas expectativas familiares pode desestabilizar a convivência como um todo.

Se pensarmos na imagem das barreiras, certamente entenderemos que o processo de retirada do material obstrutor é lento e processual. Por esta razão, usualmente formam-se longas filas de carros, com pessoas inquietas, buscando desordenadamente saídas e soluções, muitas vezes inviáveis. Tudo por conta do desespero e urgência na busca de alívio do desconforto e frustração diante de tal contexto.

O caminho em busca da estabilização familiar também é lento e demanda uma ressignificação diante de contextos de estranhamento e frustração.

Ainda mencionando a metáfora acima, ressalto a importância do papel do terapeuta que, muitas vezes, representa a voz presa na garganta dos pacientes, o atalho para um caminho de apropriação da identidade perante a sociedade.

Recordo diversos pacientes que se apoiaram no processo terapêutico para legitimar suas ideias e enfrentarem os obstáculos sociais com mais suporte emocional, especialmente quando se viam com o desafio de questionar a narrativa dominante de suas famílias.

A psicologia está presente no dia a dia dos sistemas familiares e acompanha de perto esta jornada que abarca diversas visões dentro de uma mesma família e a difícil tarefa de se obter uma convivência harmoniosa, apesar ou até mesmo com as diferenças.

O conceito de família saudável é amplo e subjetivo. Compreendo uma família como um espaço onde diferentes indivíduos convivem, sendo afetados e afetando seus membros em busca de uma melhor adaptação e desenvolvimento de todos.

Neste percurso, encontramos diversos fatores estressores, que colocam o sistema em xeque e a forma como a família disponibiliza seus recursos para lidar com eles é decisiva para o bem-estar emocional dos membros.

Em meio ao processo terapêutico, acompanhei momentos distintos nos atendimentos, que oscilavam e se alternavam em contextos diferenciados. Houve sessões em que as frases inconformistas predominavam: “não me conformo”, “por que justamente com a nossa família?”, permeadas por sentimentos de frustração e dor. Nestes momentos, um ou mais membros da família se isolavam em seus mundos, evitando qualquer forma de interação, tanto com o terapeuta quanto com os familiares.

Algumas sessões mais tensas também aconteceram ao longo do processo, onde se destacavam frases de responsabilização e culpabilização: “Você está acabando com seus pais”, “olha só o que está fazendo conosco?”, “não temos paz nessa casa desde que você veio com esta ideia”, “você está destruindo a sua família”, “não temos mais vontade de viver”. A tensão destes encontros estava justamente neste “bombardeio” destinado àquele que destoava do grupo. Encontros estes onde buscavam culpados e não soluções ou caminhos alternativos.

A lembrança mais gratificante destes atendimentos encontra-se na visão dos carros enfim se movimentando, quando a barreira acima exemplificada pôde ser desobstruída. Lentamente, um a um, os carros foram se movimentando, em ritmo lento, mas já não mais encontravam-se parados.

O sentimento de que há movimentação é muito gratificante. Comparativamente, na terapia é a hora da elaboração, momento de aceitação gradual, às vezes genuína, às vezes não: “o que importa é te ver feliz”, “se é o melhor pra você então vamos ter que aceitar”, “estamos sofrendo muito sem a sua presença”, “sua ausência trouxe um vazio enorme”, “estamos todos sofrendo muito”. Este é o momento em que a família se dá conta de que necessita de reajustes para que não se desintegre. Passam a estabelecer prioridades, para que encontrem um novo equilíbrio.

Das tantas histórias que venho acompanhando ao longo de muitos anos, optei por relatar a da minha cliente Flávia (nome fictício), sua luta contra o preconceito,

suas dores, sua superação. Eu a escolhi para que seja porta voz das tantas outras espalhadas na sociedade, seja em consultórios psicológicos, seja trancada em seus quartos, seja em suas “frontes” de batalha.

O percurso das Flávias espalhadas pelo Brasil se conecta em sua raiz histórica, ou seja, em sua condição de mulheres, que vêm conquistando seu espaço ao longo de séculos, enfrentando contextos de discriminação e desigualdade. Este é um trabalho que busca destacar a luta pelo direito à liberdade de ser e existir.

Diante deste contexto, dada a minha experiência como psicoterapeuta, optei por tomar como referência o estudo de caso que permite acompanhar a caminhada evolutiva de uma mulher que assumiu a sua identidade de gênero como lésbica enfocando os conflitos desde o momento da revelação da sua identidade para a sua família. Quero tornar pública, por meio deste trabalho, a jornada desta mulher, que, em busca da manutenção de vínculos de afeto, tem sido permeada, simbolicamente, por mortes e renascimentos, seja de relacionamentos amorosos, de relações familiares ou de expectativas.

Considero relevante contribuir para a inteligibilidade deste tema porque, apesar de toda esta evolução que vivenciamos atualmente, onde prevalece um discurso liberal, que abarca a diversidade de gêneros, que apoia em massa a parada LGBTQI+, casamentos homoafetivos, adoção de crianças em famílias homoafetivas e a liberdade de definição da sexualidade, ainda assim, na minha experiência clínica, percebo que existe uma distância entre praticar um discurso de aceitação e a vivência com um membro da família, cuja identidade de gênero não representa a visão dominante do contexto sociocultural a qual pertence.

Espero que este trabalho possa ser útil para terapeutas, familiares, como forma de aprofundamento, reflexão e ampliação da consciência sobre o tema. Refletir, para obter uma visão crítica sobre o assunto em pauta; aprofundar, para entender melhor o contexto de conflito; e, por fim, ampliar a consciência, que permite enxergar além do óbvio, rever as narrativas, olhar por outros ângulos: **estes são** três pontos que constituem **uma** base necessária para movimentos transformadores.

Esta monografia, a partir desta introdução, está estruturada da seguinte forma:

No capítulo 1 proponho-me a descrever momentos relevantes da história da mulher no século XX, seus desafios e conquistas ao longo de anos. No capítulo 2, proponho-me a trazer um olhar aprofundado sobre a questão das identidades de

gênero; no 3, apresento um caso clínico, a partir da história de uma cliente (nome fictício Flávia). Finalmente, no capítulo 4, apresento a metodologia que norteou este estudo de caso, seguido pelas considerações finais e referências.

CAPÍTULO 1 - MOMENTOS SIGNIFICATIVOS DA HISTÓRIA DA MULHER A PARTIR DO SÉCULO XX

Quando falamos em discriminação das mulheres na sociedade brasileira, automaticamente somos transportados ao início da história do Brasil. O direito de ser do sexo feminino vem sendo duramente conquistado ao longo dos anos. É certo que já desbravamos diversos novos caminhos, com conquistas inegáveis, mas ainda há muitas estradas a serem percorridas, muitas plantações a serem feitas em terrenos férteis. O século XX foi representativo no processo de transformação do papel da mulher na sociedade. Segue um breve histórico:

1.1 A mulher no século XX

A chegada do século XX trouxe diversas transformações nas mais variadas áreas. Este foi um momento de novos olhares para antigos temas, de um avanço científico, da ampliação do espaço ocupado pela mulher na sociedade.

Lembro de um almoço de família onde meus filhos e sobrinhos “bombardearam” as avós e bisavós com perguntas sobre costumes e hábitos do início do século XX. E a conversa rendeu horas. Os jovens ouviam atentamente as curiosidades da época e se mostravam surpresos com a descrição do cotidiano das mulheres naquele momento histórico, representando a diferença de 80 anos entre a mais nova e a mais velha. Enquanto a mais jovem da sala mexia no celular, estudava para a prova de Medicina e encomendava frutas pelo aplicativo, a avó recordava os passeios de bonde, a valorização da virgindade, a importância do “chefe da família” como provedor e o curso de secretariado, que era o mais recomendado para mulheres.

O século XX, especialmente a partir da segunda metade, possibilitou a exposição de contrastes na história das mulheres. Aquela senhora, dona de casa, submissa, obediente, temente a Deus, que cozinhava e cuidava do marido, filhos e afazeres domésticos passou a se defrontar com outra representação do sexo feminino. Ela encontrou dentro de seu próprio meio social, uma mulher ousada, que buscava estudar em universidades, em cursos até então considerados “masculinos”, como Engenharia, Medicina, Administração, Direito, entre tantos outros.

A mulher do século XX avançou com rapidez na direção da ampliação do espaço que até então era ocupado exclusivamente por homens. Ela foi buscar o mercado de trabalho, dividiu despesas e passou a se sentir cada vez mais confortável com o “questionar”, “refletir” e “ousar”. Juntamente com esta movimentação histórica, a mulher passou a rever o tema da sexualidade, até então associado à procriação ou ao pecado.

Ainda naquele almoço em família, as avós e bisavós relataram histórias de um período não tão distante, onde a religião conduzia os temas da sexualidade, impondo regras rígidas de virgindade (que deveria ser mantida até o casamento), onde pouco se falava de prazer, onde a liberdade sexual era da alçada de prostitutas. O momento acima citado foi permeado por tabus. Qualquer movimento de libertação da sexualidade, ainda que em fantasias ou pensamentos, era permeado por culpa e castigo.

Sant'anna e Daspett, 2007 enfatiza que o século XX foi marcado por movimentos revolucionários, inclusive no que diz respeito à sexualidade. Ele relembra especialmente a década de 60, que foi cenário de grandes questionamentos. Dando um enfoque ao advento do movimento feminista, ele ressalta as mudanças ocorridas naquele período, especialmente ligadas ao tema da maternidade e sexualidade da mulher, que passaram a ser debatidas publicamente:

As feministas passaram a reivindicar a maternidade como escolha e a vivência da sexualidade separada da reprodução. Testemunhamos uma individualização de comportamentos e de normas num contexto onde a sexualidade deixou de ter como única função a procriação e veio à tona a questão do desejo sexual, a incitação dos prazeres e sentimentos. Desde então buscamos sair da dicotomia em que o desejo diz respeito aos homens e o sentimento amoroso às mulheres. (SANT'ANNA E DASPETT, 2007, p. 161 - 162).

A partir deste momento, assuntos até então considerados tabus passaram a ser ressignificados. A homossexualidade passou a ter espaço em discussões políticas, tiveram início propagandas destacando a importância da utilização de métodos contraceptivos e temas como nudez, drogas entraram nas pautas dos meios de comunicação.

1.2 A arte e o feminino no século XX

O século XX foi permeado por muitos pensadores, escritores e dramaturgos que, especialmente a partir de 1940, polemizaram temas relacionados à sociedade, relações amorosas, familiares e desejos reprimidos.

Nelson Rodrigues (1912-1980) foi um escritor, dramaturgo e cronista brasileiro, que criticou os costumes e a hipocrisia da sociedade brasileira da época. Em seus livros, ele conta histórias de mulheres reprimidas, seus desejos ocultos, seus anseios por liberdade sexual.

Dentre vários outros contos, destaco “A Dama do Lotação” (1951 e 1961), que narra a história de uma esposa recatada, que viaja em um ônibus em busca de parceiros sexuais e da concretização de suas fantasias eróticas. O contraste desta história reside no paradoxo entre realidade e fantasia, ou seja, a protagonista é uma mulher tradicional, recatada, cheia de pudores na presença do marido, mas quando sai de casa se transforma na Dama do Lotação.

A história acima descrita expõe a dualidade vivida pelas mulheres naquela época: por um lado o desejo reprimido e a falta de liberdade da sua sexualidade e, por outro, os *a priori* e protocolos sociais, que valorizavam o recato e manutenção da moral e bons costumes.

Esta foi uma época em que qualquer movimento que se diferenciava do protocolo da mulher “do bem” e “honesta” era considerado promíscuo. A Dama do Lotação retrata a sociedade da década de 50 e aborda questões como frigidez, erotismo e repressão sexual.

Ainda no campo da arte, vale mencionar também o impacto da série Malu Mulher (1979/1980), de Glória Perez, que retrata a condição da mulher brasileira no final dos anos 1970. Recordo deste momento emblemático do movimento feminista, onde o tema impactou as estruturas da sociedade tradicional brasileira, tornando-se significativo espaço de reflexão do feminino e das relações de gênero.

Mota e Silva (2010) destacam os assuntos que eram abordados nos episódios:

[...] separação e divórcio, jornada dupla de trabalho (doméstico e formal), aborto; sexualidade e virgindade feminina. Além destes, havia outro tema sempre recorrente e que atravessava as outras discussões como: a afirmação de uma identidade feminina que negava a subalternidade, o lugar secundário. Noutras palavras, Malu Mulher circulou pela pauta feminista, sendo na verdade, como aponta a estudiosa Mariza Corrêa (2002), a

transposição para a tela da TV das reivindicações do Movimento de Mulheres durante toda a década aqui estudada (p. 10).

Ainda segundo Mota e Silva (2010), Malu foi a personagem que adotava e reclamava em Rede Nacional posturas agentivas. Rompeu com os tradicionais arquétipos de conformidade e assujeitamento e representou, portanto, um canal de voz feminina que abordou clara e corajosamente múltiplos enfoques - da Cultura à reprodução.

Recordo do impacto causado pelo seriado. Era algo inovador, tanto na forma como no conteúdo e pude ver a reação das pessoas, incluindo amigos, familiares, colegas de trabalho, vizinhos, além de diversas entrevistas na mídia que destacavam o aspecto criativo e ousado para os padrões da época. Quanto mais repercussão tinha, maior era a cobertura jornalística. Falo da Malu Mulher, que era uma parte de todas nós, que nos dava voz, a mim e a todas as mulheres, e promovia reflexão e o deslocamento da zona de conforto para um lugar às vezes indigesto, incômodo, mas necessário.

Por ser um meio acessível à população, considero relevante abordar a importância histórica deste seriado, que “acordou” mulheres adormecidas, trouxe questionamentos e afetou direta ou indiretamente várias famílias, de diferentes classes sociais, que puderam ver retratadas nas telas as suas angústias, medos, inseguranças e coragem.

Mota e Silva (2010) consideram que Malu Mulher embebeu-se nas pautas feministas e falou deste Movimento Brasileiro para mulheres e homens de regiões, hábitos e classes bastantes diferentes entre si, transformando as pautas abstratas e teóricas em diálogos e imagens sólidos, de carne e osso, e que sangravam

Eles ressaltam a abrangência dos temas abordados no Seriado:

A importância de Malu Mulher centra-se no fato de ter se constituído enquanto espaço feminino na televisão brasileira aberta, sendo atravessado por distintos vieses: as identidades sociais, as políticas, as profissionais, além das pessoais. O grande ponto de sustentação argumentativa da personagem Malu foi sua necessidade de ser reconhecida como Sujeito não a-sujeitado. (MOTA e SILVA, 2010, p.11).

Vale destacar que Malu Mulher foi pioneira em trazer temas como homossexualidade feminina, aborto, e sexualidade conectada com o prazer.

Citei acima estas duas obras, entre tantas opções, por entender que elas foram ousadas para a época e abriram vários caminhos que foram percorridos pelas gerações posteriores.

Assim como a sexualidade passou a ser explorada entre o meio cultural e artístico, também outras áreas contribuíram para a ampliação do olhar para este assunto, como a Medicina e Sociologia. Estabeleceu-se um olhar multidisciplinar, amplificado pelos holofotes da imprensa, que certamente contribuiu para o aceleração da questão feminista, promovendo debates, discussões, questionamentos e ampliação da consciência.

1.3 Feminismo no Brasil do século XX

Silva e Campos (2014) relatam fatos da trajetória dos Movimentos LGBT e feministas no Brasil, utilizando a linha organizativa de Fraser (2007, p.299) sobre as ondas do movimento feminista. Eles mencionam que a primeira onda de feminismo no Brasil se constituiu a partir da luta pelo voto (as sufragistas), que foi conquistado em 1932 e concretizado de fato a partir da Constituição de 1946.

Ainda neste período, citam o movimento de mulheres operárias anarquistas, que reivindicavam a igualdade salarial entre homens e mulheres nas fábricas e questionavam a jornada dupla de trabalho que tinham que desempenhar.

No início da segunda onda, ainda segundo Silva e Campos (2014), ocorreram modificações na constituição do movimento, visando à autonomia da mulher para decidir sobre sua vida e seu corpo. A partir do período de **redemocratização**, o movimento feminista passou a se organizar efetivamente no Brasil, incluindo em sua pauta temas como a luta contra a violência doméstica e sexual. Entre a década de 80 e 90, foram criados conselhos de direitos das mulheres, em âmbito municipal, estadual e federal.

A respeito do surgimento do movimento LGBT e seus valores centrais Fachini, 2009 *apud* Silva e Campos (2014) relata:

Na esteira da segunda onda do movimento feminista no Brasil, temos o surgimento do movimento LGBT, fundado em meados dos anos setenta, na eclosão de manifestações antiautoritárias que permearam a cena da transição democrática. Sendo fiduciário do capital político do Movimento Feminista que contribuiu para a sua fundação, compactuando sua agenda e buscando promover a esfera pública um valor central para ambos, isto é, a “liberdade sexual” (CARRARA, 2010). Porém, entre os anos 80 e 90, a

“epidemia” da AIDS fez com que a ação e atuação se voltassem para um campo mais pragmático (p.4).

Este foi um período em que o Movimento LGBT priorizou focar em políticas públicas que viabilizassem o tratamento dos portadores do vírus HIV na rede pública de saúde, bem como, campanhas institucionais para a prevenção, instrução e distribuição gratuita de preservativos e seringas descartáveis, de acordo com (SIVORI, 2011 apud SILVA e CAMPOS, 2014, p.4).

Ainda segundo Silva e Campos (2014), os anos 90 representaram um marco na história dos movimentos feminista e LGBT no Brasil, especialmente devido ao fim do regime militar e ampliação do olhar sobre os temas ligados a ambos. Neste período, ocorreram medidas para que houvesse um aumento da representatividade política feminina.

Para o movimento LGBT, o fato preponderante desse período diz respeito à sua institucionalização. Enquanto entre 1984 e 1991, Encontros Nacionais do movimento restringiram-se a cerca de cinco entidades participantes em cada um dos eventos: VIII Encontro Nacional, realizado em 1995, compareceram 40 grupos GLT. Em 1988, foi criada a maior rede de organizações ativistas do Brasil - A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) - que reuniu 68 entidades GLT brasileiras num documento preparado para um evento internacional. Ao final de 2006, 141 entidades LGBT estavam listadas entre as afiliadas à ABGLT, número que subiu para 157 no início de 2007, segundo Facchini, 2009, p.138 (apud SILVA E CAMPOS, 2014, p.5).

Destaca-se, também, a importância do processo de abertura democrática como viabilizador do resgate de temas que até então permaneciam na instância privada. A partir de então, estes temas foram lançados para discussão pública de massa. Alguns exemplos: tratamento pelo Sistema Único de Saúde de portadores do vírus HIV, desconstrução do preconceito em torno da orientação sexual e dos direitos das mulheres, da violência doméstica e urbana

Vale ressaltar que no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) houve uma política de combate ao HIV-AIDS e também a elaboração de um Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH). Segundo Facchini, 2009 (apud SILVA e CAMPOS, 2014, p.7) “este foi o primeiro documento oficial do Brasil a reconhecer publicamente homossexuais no campo da promoção de direitos humanos”. Ressaltamos ainda a criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação

(CNCD) de 2001, e da elaboração do PNDHII, em 2002, em que são produzidas recomendações para a promoção do combate a toda forma de discriminação, incluindo orientação sexual e identidade de gênero, além da criação das Conferências Nacionais (FACCHINI, 2009; CARRARA, 2010 *apud* SILVA e CAMPOS, 2014, p.7).

Vale ressaltar que o movimento LGBTQIA+² vem crescendo ano a ano, mobilizando milhares de pessoas em busca de uma visibilidade em relação à sua pauta de liberdade de escolha, de expressão e de autodefinição. Os anos 2000 estão sendo marcados pela maciça comunicação virtual, por meio de redes sociais, youtube, blogs, podcasts, que juntos representam grande força de influência na sociedade, denunciando preconceitos e auxiliando na reflexão e divulgação de eventos e temas relacionados à discriminação e direitos humanos.

A Parada LGBTQIA+ realizou em 2022 sua 26ª. edição, com 19 carros no desfile e a presença de secretarias municipais de Direitos Humanos e Cidadania. Enquanto a primeira versão da Parada teve 2 mil pessoas, a mais recente recebeu mais de 3 milhões. Todo este contexto abriu caminho para a chegada da sociedade pós-moderna, que trouxe consigo um momento histórico de amplas possibilidades de relacionamentos amorosos e familiares, em um contexto de mudanças constantes.

Estas mudanças abriram um espaço e um debruçar nas questões de identidade de gênero, que têm sido amplamente exploradas em suas diversas versões e os movimentos pró liberdade de ser tem ganhado cada vez mais visibilidade social, como, por exemplo, a Parada Gay, que vem crescendo ano a ano em diversos países.

Ainda que tenhamos aberto novos caminhos na pós-modernidade, é fato que diferenciados olhares para possibilidades de autorrealização do indivíduo na família e no ambiente sociocultural a qual pertence frequentemente vêm acompanhados de ceticismo e estranhamento.

² Sigla que significa a representatividade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexo, Assexual e, por fim, o símbolo +, que tem a função de abranger as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero.

CAPITULO 2 - OLHAR APROFUNDADO SOBRE A QUESTÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

2.1 Século XXI - a ampliação de possibilidades amorosas

A definição de gênero, hoje em dia, dentro de uma visão sócio construcionista é fluida. A chegada do século XXI ampliou as possibilidades de relacionamentos amorosos e familiares e segue em um processo dinâmico de transformações constantes.

Dentre as transformações da contemporaneidade que o mundo vem vivenciando, uma delas aborda a questão das identidades de gênero. Assuntos que eram considerados tabus ou proibidos no início do século XX, hoje são abordados com desenvoltura, especialmente pelos jovens. O direito à liberdade de expressão da sexualidade tem sido amplamente defendido na atualidade.

A sociedade contemporânea está tornando público todo um contexto que anteriormente era escondido, mantido em sigilo. Tivemos, ao longo do século XX, movimentos socioculturais significativos, como os movimentos hippie, feministas e posteriormente a Parada Gay, que certamente abriram caminho para o olhar para a diversidade que vivenciamos nos tempos atuais.

Judith Butler (2003), filósofa e teórica contemporânea, apresenta nos seus estudos uma visão sobre como o movimento feminista vem contribuindo para ampliar a visão do que era considerado tradicional. Ela defende a ideia de que a sociedade deveria respeitar e acolher a definição de gênero de cada um, seja na família, trabalho ou instituições religiosas.

Butler, em seu livro "Problemas de gênero: feminilidade e subversão da identidade" (2003), dedicou atenção especial para a busca da compreensão da gama de possibilidades existentes em nossos anseios e desejos sexuais. Ela foi uma defensora ferrenha da liberdade na definição sexual. Afirma, também, a influência da cultura na definição do masculino e feminino. Butler, defende a liberdade de ser e existir, em qualquer definição de gênero que se deseje ser.

O desenvolvimento simultâneo de variadas áreas (Ciências Sociais, Medicina, Psicologia, Antropologia, Filosofia), especialmente no final do século XX e chegada do século XXI, trouxe mudanças significativas para o funcionamento da sociedade como um todo. As estruturas binárias de relacionamentos amorosos, previsíveis, que

valorizavam conceitos rígidos de casamento, família constituída por homem e mulher, filhos de um mesmo casamento, foram sendo gradualmente relativizadas e questionadas. Ano a ano, estes conceitos foram sendo ampliados para uma gama maior de possibilidades.

A criança que nasceu no início do século XXI foi exposta a um ambiente sociocultural muito diferente daquele vivenciado pelas gerações anteriores. Bauman (2016) ressalta as diferenças no modo de vida da sociedade moderna, especialmente a transformação de velhos padrões de funcionamento social, para um novo contexto que não prioriza estabilidade e certezas.

Bauman (2016) destaca a modernidade como um momento em que ocorre um desapego social aos padrões rigorosos e inflexíveis de conduta e funcionamento social. Como decorrência disso, houve uma valorização do individualismo e a mudança do posicionamento do ser humano que passa a se responsabilizar diretamente por suas ações, sem uma infraestrutura protetiva por detrás (regras religiosas, disciplina familiar, onde filhos seguem regras pré-estabelecidas por gerações). Ou seja, cada pessoa passa a ser responsável por sua jornada, se apropriando de seus erros e acertos.

O homem contemporâneo vive em uma sociedade fluida, onde há um dinamismo, uma movimentação constante, que possibilita questionar e escolher o que mais se encaixa na percepção do momento vivido. A sociedade líquida abre espaço para a existência de novas possibilidades de vida, que coabitam em uma mesma comunidade ou sociedade.

Como o momento atual é permeado de muitos estímulos e informações, as relações interpessoais se tornam menos profundas, efêmeras, frágeis e há também a facilidade de acessar novas experiências, disponibilidade para vivências a todo momento.

Destaco aqui o aspecto fluido do olhar de Bauman (2016), no que tange à maior gama de possibilidades, que abre espaço para que as pessoas legitimem seus anseios e desejos. Em outras palavras, hoje em dia, em minha experiência clínica, acompanho histórias de jovens que não se ocupam em rotular seus relacionamentos amorosos, vivem encontros homoafetivos e heteroafetivos em uma mesma noite, sem rótulos ou a *prioris*. Percebo também uma inconstância, uma troca frequente de parceiros ou parceiras, infinitos amores que duram poucas semanas. Bauman

(2016) destaca em seu olhar sobre a modernidade que a mudança é a única coisa permanente e a incerteza é a única mudança.

Sant'anna e Daspett (2007) relembram que as civilizações, culturas e tempos da história das sociedades se organizavam em famílias patriarcais ou matriarcais, com estruturas familiares concebidas como células formadas por casais, homens, mulheres e filhos. E que, atualmente, este cenário tem se transformado e constituído por uma diversidade de tipos de famílias, sejam elas monoparentais, ampliadas, reconstituídas e as homossexuais, também chamadas de alternativas.

Ainda que na esfera pública, a variada gama de possibilidades de famílias seja socialmente aceita, Sant'anna e Daspett (2007) ressaltam que no âmbito privado o contexto se apresenta diferente:

Mas não podemos deixar de lembrar que por mais que a sociedade se “mostre” hoje mais tolerante, os comportamentos de seus membros muitas vezes ainda não conseguem acompanhar o ritmo das mudanças que ocorreram no campo das **ideias**, tanto por motivos ideológicos, econômicos, religiosos como sociais propriamente ditos (SANT'ANNA E DASPETT, 2007, p.171).

Estamos atravessando um momento político e social de grandes transformações no que tange à compreensão e reflexão a respeito do conceito de gênero. É claro que se pensarmos pelo ponto de vista biológico o tema se torna bastante simplificado, mas, ampliando este olhar para os campos da Psicologia, Sociologia, a compreensão do tema e possibilidade de significados se tornam muito maiores. Macedo (2008) descreve seu olhar a respeito do conceito de gênero e de sua gama de possibilidades:

Se partirmos da ideia de que a realidade é construída pela concepção que fazemos do mundo, ao qual damos significados através da linguagem, a gama de possibilidades de ser no mundo que podemos construir em termos de gênero é inimaginável, e varia em função das construções sociais e dos significados linguísticos que atribuímos em consenso, na cultura à qual pertencemos (MACEDO, 2008, p 49)

Macedo (2008) revisita a história construída pela Sociologia, Antropologia, Psicologia e Ciências Sociais em geral e constata que a diferença entre homens e mulheres na sociedade foi construída historicamente a partir da divisão de tarefas, hierarquia de poder e posição social, que acabou transformando “diferença” em “desigualdade”.

Se resgatarmos a história das mulheres na sociedade, certamente vamos nos defrontar com uma sociedade machista, patriarcal, onde a mulher ocupava um lugar de submissão e o homem era o provedor, responsável pelo sustento da família enquanto a mulher se incumbia da criação dos filhos e administração da casa. Com isso, como diz Macedo (2006), criaram-se assim os estereótipos sociais: ser homem é ser forte, ter iniciativa, ser objetivo, ser racional entre outras características. Ser mulher é ser frágil, ser dócil, submissa, emotiva etc. Ainda refletindo sobre o efeito destes estereótipos, Macedo (2006) ressalta a influência dos livros de autoajuda na propagação das ideias estereotipadas:

Tais obras prestam grande desserviço à relação mais igualitária entre homens e mulheres na medida em que reforçam os estereótipos, contribuindo para manter o *status quo* e, pior ainda, fornecendo pistas para um pretense controle de um dos sexos sobre o outro, dificultando, conseqüentemente, a construção de relações mais espontâneas, mais livres de preconceitos. (MACEDO, 2008, p. 22).

Longe da ideia normativa de gênero que crescemos ouvindo, do tipo “menina usa rosa e menino azul”, ou “trocar pneu é coisa de homem”, “mulher tem que estar sempre cheirosa”, “lavar louça é coisa de mulher”, “homem que é homem não chora”, entre tantos outros exemplos, o pensamento contemporâneo possibilitou um repensar sobre o tema.

Macedo (2008) conta que o primeiro estudioso a mencionar e conceituar gênero foi Robert Stoller (1968) e acrescenta que, a partir da década de 70, “gênero” tem sido o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Ainda sobre conceito de gênero, ela complementa:

O conceito de gênero ampliou os estudos sobre mulheres que se iniciaram na década de 60. O termo foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas e tem sido muito útil para desconstruir a ideia de diferença de poder que permeia a relação entre os sexos. (MACEDO, 2008, p. 22 e 23).

Uma vez ampliada a visão sobre o conceito de gênero, passamos a entender que o contexto é mais complexo do que simplesmente afirmar que homem é do gênero masculino e mulher, do feminino. Aos poucos vimos um caminho se abrir sem possibilidade de retorno, muito embora tenha causado tremendo barulho em vários setores da sociedade.

Macedo (2008, p. 23) considera a definição de Gayle Rubin (1986) uma das melhores a respeito da compreensão de gênero: “Gênero é um conjunto de

disposições pelas quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana e na qual são satisfeitas essas necessidades humanas transformadas”

As conceituações acima mencionadas me possibilitaram a compreensão de que o significado de feminino e masculino e suas funções se estabelecem nas relações e se diferenciam de cultura para cultura. São dotados de movimento e podem se transformar ao longo do tempo, sempre conectados com os contextos sócio, econômico e cultural.

Macedo (2008) considera complexa a questão de gênero e enfatiza que não há respostas certas ou erradas para tratá-las, mas que devemos estar alertas para qualquer tipo de polarização que nos faça compreender os eventos da vida de forma binária. Ela complementa dizendo que há uma infinidade de alternativas intermediárias entre os polos masculino e feminino.

Ainda refletindo sobre conceituações de gênero, Osório e Pascual (2009) consideram gênero como uma caracterização de sexo social, e não biológico, que permite categorizar os comportamentos de homens e mulheres independentemente das características específicas do sexo anatômico, considerando as qualidades ditas masculinas ou femininas estereótipos comportamentais assumidos por homens ou mulheres, mas que, em contrapartida, não indicam posição de superioridade ou inferioridade na escala social.

Quando pensamos em identidade de gênero, hoje em dia, nos referimos às mais diversas possibilidades, sejam elas mulheres menos femininas, homens menos masculinos, mulheres mais masculinas, homens afeminados, mulheres menos delicadas, homens altamente sensíveis, homens de cabelo longo e maquiagem, mulheres cabeça raspada, e assim se instalando uma cultura onde a diversidade possa conviver harmoniosamente.

CAPÍTULO 3 - MÉTODO

Este trabalho teve como objetivo construir um conhecimento a partir de um estudo de caso baseado em um atendimento que venho fazendo há sete anos. Pretendi acompanhar a caminhada evolutiva de uma mulher que assumiu a sua identidade de gênero como lésbica enfocando os conflitos desde o momento da revelação da sua identidade para sua família. Quero tornar pública, por meio deste trabalho, a jornada desta mulher que, em busca da manutenção de vínculos de afeto, tem sido permeada por mortes e renascimentos, seja de relacionamentos amorosos, de relações familiares ou de expectativas.

Para tanto, utilizei meus registros das sessões e também um questionário, contendo seis perguntas que considero essenciais para o aprofundamento da compreensão sobre o tornar público na sua família nuclear a sua identidade de gênero homoafetiva. Como foi que você resolveu compartilhar com a sua família sua identidade de gênero como lésbica? Que dificuldades você teve? Como a família reagiu? Como você reagiu à forma como a família reagiu? Como tem sido o processo terapêutico? O processo ajudou? Como ajudou?

As perguntas acima relacionadas foram feitas em dois encontros virtuais, com duração de uma hora cada um. No primeiro, abordamos a relação familiar e, no segundo, o processo terapêutico.

Optei por relatar a história em forma de narrativa, destacando falas e trechos que considere relevantes, embasando-os teoricamente. As questões feitas à minha cliente me auxiliaram a proporcionar ao leitor maior riqueza de detalhes na descrição dos fatos.

Dividi o capítulo 3, da História de Flávia, em subtítulos, que me permitiram escolher pontos que considere dignos de destaque, sem que necessariamente tivessem que obedecer a ordem cronológica dos fatos.

Para a realização deste trabalho, pedi a autorização de minha cliente após expor com clareza quais eram minhas intenções. Segue em anexo o termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pela cliente.

Como forma de embasamento, utilizei o olhar sócio construcionista, que compreende a construção de conhecimento como um consenso colaborativo, onde terapeuta e cliente afetam e são afetados em cada encontro.

Para a elaboração deste trabalho utilizei diversas contribuições teóricas de áreas de Psicologia e Ciências Sociais, que enriqueceram a jornada de produção de conhecimento.

CAPÍTULO 4 - A HISTÓRIA DE FLÁVIA

4.1 Meu olhar como terapeuta

Lembro do primeiro dia de atendimento. Flávia encheu um copo com água do filtro, entrou na sala e pouco falou. Sua história foi sendo relatada aos poucos, num ritmo lento, como se ela estivesse reconhecendo o território para somente então se abrir. Saí da sessão reflexiva sensibilizada, sem entender muito bem o porquê. Ao longo dos nossos encontros pude notar que algo havia me tocado: talvez tenha sido o seu jeito contraído de abordar assuntos sensíveis, talvez as frases curtas, objetivas, que expressavam significativos conteúdos; ou, quem sabe, o seu repertório intelectual de mulher bem sucedida, articulada; pode ser que seja o seu humor inteligente ou até mesmo o seu enorme potencial de navegar em águas profundas.

O fato é que logo de início percebi que aquele atendimento seria singular, que tínhamos uma floresta a ser desbravada e que poderíamos fazer isso juntas, no processo terapêutico.

Com o passar dos anos, nosso vínculo foi se fortalecendo, o que me possibilitou conhecer a carioca descolada, perspicaz, que não poucas vezes almoçava durante a sessão, enquanto buscava alimento para a sua alma inquieta.

E foi sendo escrita uma história de ousadia e superação. onde pude testemunhar uma verdadeira Jornada do Herói, como Campbell (2005) descreve, onde o herói se aventura abandonando o mundo familiar em direção a terras estranhas e às vezes ameaçadoras, em busca do seu processo de autorrealização. Fato similar ocorreu quando Flávia decidiu se assumir lésbica para uma família preconceituosa. E toda esta jornada, composta por várias etapas, a levou a um caminho de transformação.

Nosso processo terapêutico tem sido transformador: quanto mais ela se movimenta, mais se reinventa. Hoje já passamos dos 5 anos de atendimento e ela menciona o desejo de estudar psicologia algum dia. E sigo afetando e sendo afetada por cada encontro. Por isso, quero compartilhar esta história terapêutica, escrita a quatro mãos, rumo a um caminho de evolução e crescimento.

Para a elaboração deste trabalho, priorizei compreender o espaço que Flávia entendia ocupar na família, antes de definir sua orientação sexual como lésbica e,

também, como ela enxergava a dinâmica familiar naquele período. Trilhamos um caminho em busca de uma ressignificação e elaboração daquele sistema familiar, que sofreu importantes consequências após a revelação da orientação sexual de Flávia. Buscamos juntas desbravar novos caminhos, abrir espaços de comunicação que pudessem dar movimento ao que se tornou cristalizado e infrutífero.

É importante ressaltar que o contexto familiar descrito neste trabalho diz respeito à ótica da minha cliente, incluindo seu olhar sobre os fatos e também sua percepção a respeito das reações familiares diante de fatores estressores.

Juntas, buscamos novas narrativas para a mesma história, intercalando momentos de ação com outros de reflexão. Sempre em busca de novos significados que viabilizassem o resgate da harmonia perdida.

Nosso vínculo terapêutico só tem aumentado ao longo destes sete anos de convivência. Ela possui uma destacada capacidade de autopercepção e, também, de se perceber nas relações e se implicar nos processos de mudanças. Tem se mostrado bastante engajada em sua busca de autorrealização e corajosa para ousar e travar suas batalhas.

4.2 Uma breve apresentação de sua história

Flávia tem 38 anos, é diretora de produtos de uma grande empresa em São Paulo, está planejando seu terceiro casamento homoafetivo, que será realizado em 2023, tem um filho adotivo de 15 anos e um enteado da mesma idade.

Ela chegou ao meu consultório indicada por uma paciente minha. A procura por terapia estava relacionada ao término de um relacionamento amoroso e sua demanda de auxílio no processo de ressignificação de sua história familiar. Nossos encontros têm sido semanais e ela tem se mostrado engajada e assídua em seu processo terapêutico. Os atendimentos foram realizados no consultório durante os primeiros anos e, com a pandemia, passaram a ser virtuais, permanecendo até hoje.

A história de Flávia pode ser dividida em momentos distintos: Desde a primeira infância até o início da adolescência, trata-se de uma família tradicional classe média carioca, constituída pela mãe, pai, Flávia e um irmão dois anos mais novo. Foi aos doze anos que grandes mudanças ocorreram, a partir da separação dos pais e dos primeiros desejos homoafetivos que a jovem sentiu. Entre idas e vindas a São Paulo, Flávia foi morar com a avó paterna, duas tias e uma prima no

Rio de Janeiro. Lá permaneceu até os 24 anos, quando saiu de casa. Grandes conflitos ocorreram aos 18 anos quando ela se assumiu lésbica para a família, que reagiu agressivamente ao fato.

Ela descreve o período dos 18 aos 24 anos como o mais difícil de sua vida, onde vivenciou inúmeras cenas de preconceito, tendo inclusive sido privada de ter a chave de sua casa por medo que os familiares tinham dos “maus elementos” que poderiam entrar em sua casa.

Em meio ao conturbado contexto vivenciado por ela, aos 18 anos, Flávia buscou caminhos alternativos para se fortalecer e enfrentar a discriminação vivenciada em família. A partir deste momento, até os dias de hoje, ela se mostra engajada na causa LGBTQIA+, considerando seus amigos, na época identificados com a mesma causa, sua família escolhida.

Já no âmbito profissional, Flávia descreve que sentiu bastante dificuldade no início. Aos poucos, optou por trabalhar em empresas que tivessem um olhar sem preconceito em relação à diversidade sexual. Atualmente, ela é diretora de uma empresa que tem 25% de colaboradores LGBTQI+.

4.3 Primeiro encontro com a sexualidade

Aos 13 anos, Flávia descreve ter sentido a primeira atração física por uma mulher, que trouxe a ela um sentimento de estranhamento e medo. Não obstante, ela teve somente relacionamentos heterossexuais até os 18 anos, quando deu o seu primeiro beijo em uma mulher, colega de faculdade. Flávia destaca o fato de que os dois meninos que ela se relacionou nesse período eram muito sensíveis e anos depois um se definiu gay e outro se tornou artista.

Dos 13 aos 18 anos foi um período de muitas dúvidas e questionamentos para a jovem, que tinha receio de pensar mais profundamente no tema. A primeira experiência homoafetiva foi vivenciada com uma amiga bissexual da escola, mas, por receio da reação da família, manteve relações com pessoas dos dois sexos.

Esta história relatada por Flávia evidencia o fato de que o caminho a ser percorrido por cada um dos membros de uma mesma família torna-se muitas vezes desafiador, especialmente para aqueles que não se sentem pertencentes ao modelo normalizado, aos padrões que representam o pensamento dominante em

determinado contexto sociocultural. Walsh (2016) destaca o medo e riscos que muitos sentem ao se revelarem homoafetivos em seu meio familiar: O conceito de quem somos e de como os outros nos percebem em nosso meio sócio cultural é dinâmico, ou seja, a maneira como somos classificados ou descritos pelos outros membros pode se modificar diversas vezes ao longo do tempo. Por esta razão, reafirmo a importância da confiança no vínculo enquanto comunidade (construído por cada membro nas relações parentais, familiares e socioculturais ao longo de anos). Vínculo este que esperamos não ser abalado ao longo da vida. Mas, ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre a pressão que cada membro sente ao ter que se alinhar às ideias e versões dominantes de cada núcleo familiar e comunitário. Consequentemente, aqueles que não se adequam sofrem por serem diferentes. Walsh (2016) nos faz refletir sobre os valores culturais que predominam na sociedade:

As normas culturais da família ideal são valores culturalmente sancionados que prescrevem como as famílias devem ser. Determinados padrões e papéis familiares são considerados desejáveis, apropriados ou essenciais para o casamento e a criação dos filhos, de acordo com os padrões prevalentes na sociedade dominante ou valores étnicos ou religiosos particulares. É essencial que os conceitos do que é normal não sejam associados ao típico ou ideal. (WALSH, 2016, p. 23).

Quando ouvi a história de Flávia, me chamou a atenção a presença do feminino naquela família. Ela passou anos de sua vida em meio a mulheres de personalidade forte, com postura autoritária e protetora. Ao mesmo tempo em que Flávia se sentia amparada naquele ambiente familiar, também se ressentiu por ter sido criada para corresponder às expectativas heteronormativas de todas elas.

Na casa da avó, moravam também as duas tias de Flávia, a sobrinha e, por um período, também o pai com a nova esposa. As tias e a avó têm significativa importância na vida de Flávia até hoje. A primeira delas é professora de primeiro grau, namorou por 4 anos e teve uma filha, sendo uma mãe solo. Ela tem um perfil conservador, apoiou a ditadura de 70 porque considerou um tempo em que não havia violência. A outra tia foi arrimo de família, tinha uma visão um pouco menos rígida e nunca saiu da casa da avó.

Todas elas tiveram grande influência no desenvolvimento intelectual e social da jovem que, até os 18 anos, tinha um comportamento suave e amigável.

4.4 Enfrentamento e preconceito na família

Com o passar do tempo, Flávia passou a se apropriar de sua sexualidade (embora ainda ocultando da família). E evidenciou que o momento da definição homossexual foi um divisor de águas: *“Comecei a sair com pessoas que meus familiares não conheciam, ir para lugares estranhos aos seus olhos. Então passaram a achar que eu era usuária de drogas. Até então, eu costumava sair com a turma da escola. Comecei a sair para outros bairros”* (sic).

Ao longo dos anos, ela foi construindo uma nova base de apoio em núcleos formados por famílias gays e lésbicas, que lhe proporcionaram maior afinidade e sentimento de pertencimento. Assim, ela optou por agregar uma nova família. Walsh (2016) enfatiza a importância da busca por apoio e identificação nos meios sociais:

Nesse cenário de variadas reações por parte dos membros da família, gays e lésbicas com frequência se voltam para os amigos na busca de maior apoio e identificação mútuos. Idealmente, esses amigos e membros selecionados da família são interligados na assim chamada “família escolhida” – um sistema interligado de apoio emocional e instrumental ao longo do tempo (WESTON, 1991). No entanto, devido à maior probabilidade de discriminação por parte de vários segmentos das redes sociais, gays e lésbicas correm o risco de ter sistemas de apoio menos coesos do que as heterossexuais. Elas têm que ser muito mais determinadas em seus esforços para desenvolver um sistema integrado de apoio social e um senso de “comunidade” em suas vidas, o que muitos heterossexuais encontram em suas congregações religiosas e na família estendida (GREEN; MITCHELL, 2008 *apud* WALSH, 2016, p. 281).

O fato é que Flávia não era usuária de drogas, conforme sua família desconfiava, e tampouco fazia algo ilegal, mas a decisão de contar o que realmente estava ocorrendo, gerava angústia e medo. Durante diversos encontros, Flávia falou do medo de se expor e de ser julgada pelos familiares, fato este que realmente ocorreu, especialmente no período inicial, quando relatou ter sido tratada de forma agressiva e preconceituosa. No parágrafo abaixo, Walsh (2016, p. 295) enfatiza o ponto mencionado:

[...] ser lésbica ou gay e se revelar para os membros heterossexuais da sua família quase sempre traz algum risco de ser repudiado e perder os laços com os parentes. O dilema universal de gays e lésbicas sobre revelar ou não sua orientação sexual aos próprios pais deixa os homossexuais com uma maior consciência de que a continuação das relações com a família de origem na idade adulta é inteiramente voluntária de ambos os lados. A possibilidade de ser completamente desligado e perder suas famílias no nível emocional é uma consequência que a maioria dos homossexuais deve ponderar seriamente antes de optar por revelar sua orientação sexual aos membros da sua família. Conforme Weston observou: É claro que os heterossexuais também podem ser repudiados. Mas quando pessoas

heterossexuais encontram rejeição por parte dos parentes, essa rejeição surge caso a caso, geralmente em resposta a alguma coisa feita em vez de alguma coisa fundamental para o seu senso de self. Em contrapartida, as lésbicas e gays auto identificados vivenciam rejeição como uma possibilidade sempre presente e estruturada por uma afirmação de uma identidade sexual estigmatizada. (1991, p. 74). (WALSH, 2016, p.295).

O ambiente foi ficando cada vez mais pesado na casa da avó e Flávia passou a se sentir em uma “panela de pressão”. Até que um dia, a tia mais velha a chamou para uma conversa, onde perguntou se estava andando com pessoas desqualificadas, usuários de drogas. Foi este o momento em que ela respondeu: *“Não estou usando drogas, estou saindo com meninas”*.

Sant’anna e Daspett (2007), ressaltam a dificuldade enfrentada por pessoas para definir e assumir sua identidade sexual frente à família de origem, se essa não for a esperada socialmente. Eles destacam abaixo a dificuldade que os filhos enfrentam de romper com as expectativas de seus familiares em seu contexto sociocultural:

Uma vez que o papel da família é a socialização da criança, ela se torna depositária dos valores, das crenças, estereótipos sexuais presentes na sociedade em que se encontra, construindo suas expectativas e relações com os filhos com base nestes aspectos. Enfrentar e contradizer tais expectativas se torna um grande desafio é uma tarefa árdua, complexa, podendo se revestir até de um sentimento de traição à lealdade familiar esperada. É arriscar o pertencimento e comprometer o apoio necessário para a construção de uma identidade segura. (SANT’ANNA e DASPETT 2007, p.166)

Este certamente foi um dos dias mais difíceis para Flávia, que relatou o silêncio que se instalou quando contou para a tia, que simplesmente saiu do quarto sem nada falar: *“fiz besteira, não deveria ter contado”*, pensou Flávia e acrescentou que, tempos depois, a tia voltou com o número de telefone de uma terapeuta conhecida da família e pediu que ela fosse buscar ajuda, um tipo de auxílio na linha de “cura gay”. A outra tia (mais conservadora) não falou nada por vários dias. A prima, inconformada, disse: *“Até outro dia você estava namorando um menino.... agora uma menina??”*

A pauta seguinte abordada pelas tias foi sobre o “perigo” de Flávia vir a ser rotulada e discriminada tanto do âmbito pessoal quanto profissional. A partir de então, Flávia relata ter sido vista de forma diferente: *“naquele momento passei a me sentir insegura quanto ao meu futuro naquele ambiente familiar”*.

A questão de gênero passou a ser abordada na família ou de forma agressiva, ou marginalizada. Walsh (2016) esclarece melhor a este respeito:

Embora a maioria dos pais na realidade não rejeite seus filhos lésbicos ou gays após a revelação, a experiência de ser marginalizado ou ter relacionamentos amorosos tornados invisíveis ou menos valorizados pelos membros da família é na verdade muito comum. Assim sendo, muitos gays lésbicas se sentem como “cisnes em famílias de patos” e não têm certeza sobre até que ponto elas são e continuarão a ser membros plenos das suas famílias comparadas à forma como a maioria dos heterossexuais (incluindo seus próprios irmãos heterossexuais) normalmente assume como garantida a sua participação como membro da família (WALSH, 2016, p.295).

Após ser desvendado o “segredo” de Flávia, a postura inicial dos membros da família foi a de dar ênfase à versão de que a vivência de identidade de gênero seria temporária e reversível: “coisa da idade”, “rebeldia”, justificavam os parentes. E complementavam seu discurso mencionando que tudo seria em breve “resolvido” pela terapeuta recém-contratada. Além deste discurso, as tias pediram que Flávia comunicasse aos pais o fato com o máximo de urgência porque não queriam assumir a responsabilidade sozinhas. A avó, até então, foi poupada numa tentativa de evitar que ela tivesse um “ataque do coração”.

Sant’anna e Daspett (2007) enfatizam a dificuldade de se assumir homossexual em uma sociedade preconceituosa e homofóbica e, por esta razão, torna-se um processo lento e muitas vezes doloroso. Eles refletem sobre a questão da rejeição

O medo da rejeição se faz presente tanto neste momento quanto posteriormente na vivência de suas buscas sexuais e afetivas e em intimidade com os membros da família e podendo inibir individualização (p.166-167)

Quando um grupo íntimo, dentro de determinado contexto sociocultural, se vê desafiado, ou descontente em seus “valores” essenciais, assim como ocorreu na família de Flávia, a harmonia se desfaz rapidamente. Gergen (2016) aborda o tema das relações de vínculo dentro de um grupo:

A uniformidade exigida pelas relações de vínculo gera um espaço para o ser seguro, confiável e enriquecedor. Pelo menos durante um tempo. A materialização de um compromisso em um relacionamento também tem um subproduto irônico: a divisão interna. Os participantes da relação de vínculo fertilizam as sementes de sua própria alienação. A erosão interna tem várias origens [19]: • Todos os grupos vinculados criam padrões de boa conduta, sobre o que significa estarem comprometidos com o grupo. Sempre, no entanto, alguns participantes demonstrarão estar mais adequados. (GERGEN, 2016, p. 4905).

O dia que Flávia descreveu a sua ida a São Paulo para comunicar aos pais a sua orientação de sexualidade lésbica foi impactante na terapia: *“Cheguei na casa da minha mãe, que na época morava com meu irmão. Quando contei que gostava de meninas, ela colocou a mão no peito, disse que iria infartar e acrescentou que preferiria que eu estivesse grávida. Disse que me ajudaria a montar a casa caso o contexto fosse o da preferência dela. E saiu da sala chorando muito, passando mal.”*

O irmão, ouvindo a gritaria, entrou no quarto perguntando o que Flávia tinha feito para a mãe e o porquê de ela estar tão nervosa. *“Respondi que não tinha feito nada e que só disse que gostava de meninas. Ele fechou a porta em choque. Abriu de novo e disse: Que manero, e passou a perguntar de forma descontraída: como foi? quem você pegou?”*

Neste mesmo dia, a mãe foi para o hospital com queixa de palpitação e dificuldade de respirar. De lá ligou para o pai, que foi encontrar com a filha. Ao ouvir a mesma fala que fez para a mãe, o pai começou a chorar copiosamente e respondeu: *“não se fazem mais homens como antigamente”*.

O caos daquele dia ainda não estava instalado por completo. O pai falou palavras agressivas para Flávia e o irmão prontamente foi em defesa da irmã e teve início naquele momento uma série de agressões físicas. O irmão se trancou no banheiro e Flávia se dirigiu à porta e disse ao pai: *“você sai daqui porque não vou te deixar fazer mal a ninguém”*.

Revoltada, ligou para um amigo e voltaram para o Rio, sem avisar ninguém e com celular descarregado. *“Quando acordei, tinha uma mensagem dizendo que iriam colocar a polícia atrás de mim”* Foi neste dia que algo de fato mudou na vida de Flávia: *“Foi ali que começou a rebeldia”*. Rebeldia por revolta, por falta de acolhimento.

Sentimento de solidão e falta de apoio fizeram com que a jovem se afastasse da família: *“Saía de sexta a domingo, dormia fora. Fazia faculdade de Administração. Minha tia dava dinheiro para xerox e eu economizava para poder sair.”*

Inconformado, o pai foi para o Rio para questionar a respeito de “gostar de mulher”. Na época, ele insistia na ideia de que *“alguma mulher mais velha estava me sustentando e que eu estava sendo influenciada”*.

A raiva que Flávia sentiu foi tão grande que ela resolveu provocar ainda mais a situação, se aproximou da janela e disse: *“está vendo aquele carro lá embaixo?”*

Foi a minha mulher que deu (em tom de sarcasmo)". Ele ficou tão transtornado que foi dar um tapa na jovem, que revidou.

Esta briga resultou em um longo período de distanciamento entre pai e filha. *"Naquele dia, cheguei com o olho roxo na faculdade, destruída emocionalmente. Meus amigos perguntaram o que estava acontecendo e eu contei tudo. E foi acolhida com amizade e aceitação"*.

A revolta de Flávia diante de todo o contexto acima descrito serviu como mola propulsora para seu maior engajamento na causa LGBTQIA +. E, a partir de então, ela foi se fortalecendo e se aproximando da nova família escolhida. Trevisan (2018) menciona a força de um grupo engajado, em defesa da legitimação de sua visão de mundo:

Vencidos o medo de ser e a resignação de antigamente, oprimidas em estado de purpurinização não precisam pedir licença aos guardiões do poder heteronormativo, nem bajular aqueles supostos parceiros, como se a sobrevivência dos nossos desejos, afetos e amores dependesse deles. Quanto maior for a compreensão de que no território do desejo não existem mestres nem patrões, tanto maior será a eficácia dos sujeitos em estado de construção de suas singularidades. (TREVISAN, 2018, p.791).

4.5 O processo de aceitação - busca de pertencimento

A dor emocional e revolta com a reação da família tornaram urgente a necessidade de novos caminhos na vida de Flávia. Foi quando procurou pessoas parecidas, com questões similares, com a cumplicidade que somente um igual poderia ter. Ela foi em busca de pessoas do âmbito LGBTQI+. O caminho inicial foi a internet e, após algum tempo, presencial. A partir de então, os amigos traziam outros amigos e a rede foi rapidamente se ampliando. Foi uma verdadeira imersão neste universo, que trouxe alívio da solidão e propósito para seguir em frente.

Gergen (2016) nos reafirma a importância das vozes externas no processo de fortalecimento emocional diante dos posicionamentos dominantes:

Quando essas vozes "externas" são introduzidas no relacionamento de vínculo, elas podem formar uma fonte de críticas perturbadoras. Em qualquer relação de vínculo, os participantes são membros de uma contracultura potencialmente dissidente. (GERGEN, 2016, p. 4926).

Flávia conta que havia muita afinidade na história de todos, que a maioria dos pais eram contra. Ela recorda que, de um grupo de 50 pessoas, apenas uma tinha sido aceita pela família por sua definição sexual. As restantes foram vítimas de

preconceito e agressividade. Ao longo dos anos, ela foi construindo uma nova base de apoio, que lhe proporcionou maior afinidade e sentimento de pertencimento. Assim, ela passou a se sentir mais forte em sua nova família escolhida.

De fato, minha experiência como terapeuta me mostra que quando estamos acompanhados de um grupo onde nos sentimos pertencentes, automaticamente nos tornamos mais fortes, mais corajosos, e com mais garra para lutar, especialmente quando a causa for comum a todos. Trata-se de um grupo sofrido, vítima de preconceito e discriminação. Trevisan (2018) destaca a importância desta força na busca da legitimação da singularidade de cada um:

Se existe a escuridão opressiva ao nosso redor, nossa função é brilhar. Exatamente como os vagalumes, que só brilham se houver escuridão e são tanto mais vaga-lumes quanto mais escuro estiver o entorno. Talvez pareça estranho que sua luz precise das travas para ser luz (TREVISAN, 2018, p. 791).

4.6 O resgate familiar - reconstruindo a comunicação

Foi aos 24 anos que a relação familiar melhorou, quando ela optou por sair de casa. E recorda: *“Foi muito ruim até os 24 anos. Não tinha direito de ter uma chave de casa, porque achavam que as pessoas eram perigosas e poderiam roubar os objetos. Que eu andava com pessoas de caráter duvidoso. Passei a viver como se morasse em uma pensão”*.

Flávia e a mãe ficaram quatro anos sem se falar. A mudança de casa possibilitou uma liberdade que até então não existia. A jovem podia receber seus amigos e já tinha seu espaço preservado. A partir deste momento, a relação com a família passou a melhorar gradualmente, especialmente porque ficavam longos períodos sem se ver, o que restringia a invasão de privacidade.

O divisor de águas da relação familiar se deu com a chegada do sobrinho da família, que tinha especial afeição por Flávia. O teor infantil, o jeito carinhoso e espontâneo do garoto aliviou a tensão familiar.

Aos 28 anos, Flávia foi para o Canadá e vivenciou momentos valiosos da sua vida: *“Vancouver tem bairros setorizados e fiquei num local onde habitavam gays. O ponto de ônibus era rosa, a faixa de pedestres era um arco íris. Quando eu olhava ao redor, via dois homens com bebê. Então comecei a materializar a ideia de ter uma família”*.

A família sentiu falta de Flávia durante o ano e meio que ela permaneceu em Vancouver. *“Quando voltei, consegui ficar mais próxima e eles fizeram um esforço para que eu me sentisse melhor. Chamaram minha namorada e eu para almoçarmos”*. Houve neste momento uma conscientização da família como um todo de que tinham que se aproximar porque se não a perderiam para sempre.

Apesar de todo o estresse, sempre existiu muito amor circulando na família. O processo de ressignificação para todos eles foi lento e gradual; percorreram vários momentos até conseguirem aceitar ou tolerar a frustração da expectativa não correspondida.

O distanciamento de Flávia promoveu reflexões e uma demanda de mudança na postura dos membros. Quando eles perceberam que esta realidade não iria mudar, que não se tratava de um período, um momento de vida, e sim de uma opção de viver com liberdade a sua sexualidade, os familiares mudaram a postura e se reaproximaram. Vale salientar que, mesmo assim, houve diversos contextos de preconceito velado.

Flávia teve diversos relacionamentos ao longo dos últimos 20 anos e tem vivenciado sua sexualidade com a liberdade que sempre desejou. Dentre todos eles, merecem destaque três em especial. O primeiro foi onde ela adotou um menino de 7 anos, que permaneceu com ela após a separação. O segundo relacionamento resultou em um casamento com cerimonialista, com festa, onde ambas as noivas se apresentaram com vestidos brancos. Este evento foi bem aceito pela maioria dos convidados, mas visto com certo ceticismo pelo pai de Flávia, que ficou sentado num canto a festa toda. E a mãe teve dificuldade de aceitar, com medo do que as pessoas iriam achar, do que comentariam. Para o pai, esta festa serviu para expor ao mundo a *“sua condição de lésbica”*. O terceiro relacionamento é o atual, onde também haverá uma festa com celebração.

A respeito de sua vivência familiar, Flávia pondera que *“Se eu pudesse voltar atrás escolheria me assumir quando saísse de casa. Assim estaria longe e teria minha liberdade”*. Ela descreve que ainda existe preconceito velado. Por exemplo, na hora de comprar um presente para a sobrinha, a tia disse que não poderia ser o azul escuro porque era masculino. Contudo, houve uma viagem feita com tias e prima, onde a tensão se desfez totalmente.

4.7 Relação terapêutica - nossa construção de vínculo

Como terapeuta, quero falar de uma mulher que tem uma história de luta por seu espaço na família e na sociedade. Que transpõe obstáculos, muitas vezes com medo da rejeição e do abandono. E que busca obstinadamente o seu direito de ser e existir em sua singularidade, em uma família com visões de mundo distintas, onde diferentes indivíduos afetam e são afetados em busca de uma melhor qualidade da relação.

O nosso desafio continua sendo a busca de novas narrativas para a mesma história, que caminha de forma irregular, com idas e vindas, avanços e retrocessos, com alternância do olhar de Flávia em relação aos fatos: ora buscando aceitação e compreensão do restrito repertório familiar, da difícil capacidade de ampliação da consciência de seus familiares; ora dando espaço para a externalização das mágoas coletivas e frustração geral, diante da expectativa frustrada dos membros que defendem as narrativas dominantes. Grandesso (2008) destaca a importância das diversas narrativas para uma mesma história:

Como nenhuma história ou texto apresenta-se só, temos que nos perguntar pelas histórias que estão dentro de uma história. Ajudar as famílias a situar os jogos de linguagem a partir dos quais vêm construindo seu mundo e também o dos outros, favorece a libertação da tirania do *único* e do *mesmo*, abrindo espaço para a construção de novas narrativas contemplando o *diverso* e o *diferente*. McGoldrick considera que a maior ameaça à civilização é o fracasso em tolerar a diversidade (GRANDESSO, 2008, p.12).

A nossa relação terapêutica vem também sendo permeada por oscilações. Há encontros onde ela evidencia a importância de uma resignificação dos fatos, como forma de aceitação de sua família de origem, com sua luz e sua sombra, ou seja, com suas limitações, suas dificuldades de lidar com contextos novos e desafiadores.

Não obstante, em outros momentos, Flávia manifesta sentimentos de injustiça e incompreensão na postura adotada por seus familiares (especialmente no passado) e opta por se distanciar do assunto, "*porque tocar neles ainda machuca*".

Gergen (2016) aborda a relação terapêutica e considera que a busca de novos significados para antigos incômodos é construída gradualmente, em um movimento delicado, que abarca sensibilidade, empatia e enfrentamento. Ele descreve abaixo a relação terapeuta- paciente:

Em vez disso, somos solicitados a ver terapeuta e paciente engajados em uma dança de ação conjunta que é sutil e complexa ao mesmo tempo, uma dança na qual o significado está em constante movimento e cujos resultados podem transformar a vida relacional do paciente. (GERGEN, 2016, p.7299)

O nosso processo terapêutico vem seguindo por dois caminhos, que se alternam e se complementam: recontar a história das relações familiares por diversos ângulos, repensá-la e acompanhar as diversas relações daquele núcleo que vêm se atualizando constantemente, até os dias atuais. Gergen (2016) destaca a importância de serem trabalhadas as relações passadas do cliente, bem como as atuais:

Se o nosso potencial de ação se origina no relacionamento, devemos recorrer a ele para entender a origem da restrição. Existem duas forças principais nesses casos: a primeira pode ser localizada nos relacionamentos atuais e a segunda na história dos relacionamentos passados. Além disso, cada um deles requer atenção terapêutica especial (GERGEN, 2016, p. 7459).

A relação entre mim e Flavia tem sido uma construção de muitos anos. Estamos introduzindo novos instrumentos a esta orquestra, que vem se aprimorando ao longo do tempo. Falo metaforicamente em uma orquestra, porque comparo cada membro de uma família com a conjunção de vários instrumentos, cada um com sua importância, com sua melodia.

Da mesma forma que ocorre na orquestra, torna-se imprescindível a afinação de todos os instrumentos ao mesmo tempo (que simbolicamente equivale a um repensar da postura do núcleo familiar como um todo e, conseqüentemente, no aprimoramento de seu repertório) para que a melodia se torne cada vez mais harmoniosa.

Não obstante, quando percebemos que os instrumentos estão desafinados ou desafinando, nos damos conta de que já evoluímos na escuta e percepção das nuances do som e, já com o ouvido mais aprimorado, buscamos ampliar a consciência e definir os passos seguintes.

Flávia e eu presenciamos lindos espetáculos, onde a vi se apropriar de suas escolhas em paz, que é o que ela tanto deseja. Mas seguimos buscando melhorar a qualidade do som e a criatividade para lidarmos com o novo que não para de chegar, na representação de novos relacionamentos, trabalhos e reconstruções em família.

Temos, também, a nossa orquestra terapêutica, onde celebramos insights e conquistas e falamos com desenvoltura dos incômodos e obstáculos encontrados pelo caminho. Gergen (2016) destaca a importância da abertura de novas possibilidades e não apenas da ruptura com valores antigos:

[...] abre um espaço para a exploração de novas danças no complexo relacional do cotidiano. No entanto, em muitos casos, a liberação de padrões disfuncionais é insuficiente. Remover os grilhões é uma coisa, mas ter uma nova direção para o futuro é outra (GERGEN, 2016, p. 7620).

E esta orquestra explora o talento de cada instrumento, e estimula o potencial criativo de cada um deles. Na terapia, uma forma eficaz de afinar os instrumentos se pauta na possibilidade de potencializar recursos relacionais não desenvolvidos ou valorizados nas relações vividas, em conquistas realizadas, em momentos de sucesso ou de realizações.

Gergen (2016) enfatiza a importância de o terapeuta valorizar os recursos valiosos de cada cliente, evidenciando seus pontos fortes:

De uma perspectiva relacional, as bases mais importantes para a construção de um novo futuro são fornecidas por relacionamentos passados. Como seres múltiplos, possuímos uma enorme quantidade de recursos que muitas vezes são suprimidos pelas circunstâncias da vida. O terapeuta pode ajudar o paciente a tirar proveito deles, traçando um novo curso para sua vida. De uma forma ou de outra, muitos terapeutas desenvolveram práticas que correspondem a essa visão. Especificamente, eles concentram a conversa nos pontos fortes, soluções e perspectivas positivas do paciente (GERGEN, 2016, p. 7640).

Em nosso caminho terapêutico, buscamos questionar as narrativas dominantes que trouxeram sofrimento à Flavia. Ela foi melhorando emocionalmente quando se deu conta de que existem diversas formas de compreender o mesmo fato. E que podemos legitimar as mais variadas narrativas para uma mesma história. Gergen (2016) destaca a importância de uma ampliação de possibilidades para uma melhor compreensão do mundo:

Agora devemos nos perguntar uma coisa: não seria mais funcional para um indivíduo ter um repertório de “eus” disponíveis em vez de um único entendimento “verdadeiro”? Não seria melhor ter múltiplas “lentes” para entender o mundo do que ter uma única lente, ou uma multiplicidade de narrativas plausíveis ao invés de uma única “verdade narrativa”? O problema, então, é ampliar o leque de práticas terapêuticas que permitem o acesso a toda a gama do ser múltiplo, e ter uma abertura ao mundo que responda inclusive aos convites à ação conjunta que se apresentam (GERGEN, 2016, p. 7773-7784).

Durante muitos encontros, eu e Flávia optamos por desbravar terrenos férteis, que às vezes ela nem se dava conta que existiam, ou seja, fomos em busca de seu amplo repertório de possibilidades criativas para a ressignificação de suas emoções e propósitos.

4.8 Processo terapêutico como suporte para transformação

Flávia vivenciou dois processos psicoterápicos significativos; ao longo dos últimos 20 anos, desde que tiveram início os conflitos familiares, decorrentes de sua definição de orientação sexual como lésbica.

O primeiro deles foi sob a orientação da tia (com expectativa de que a terapeuta promovesse a “cura gay”): *“No primeiro momento, eu fui porque estava muito confusa, atordoada e quis evitar conflito com a família. Por isso fiz o que eles queriam”*.

Nos primeiros meses, Flávia descreveu ter encontrado na terapia um espaço para desabafar sobre o que estava acontecendo. E bem cedo se deu conta de que ela tinha muito mais a falar do que simplesmente sua definição como lésbica. Isso porque ela passou a lidar com contextos familiares e recontar sua história **vivida** com seus parentes: *“Aos poucos, fui ritualizando os encontros com a terapeuta. Ela morava em Copacabana e eu, quando saía da sessão, ficava um bom tempo a beira mar, pensando e valorizando o meu momento”*.

Flávia conta que sentia muita dor quando ficava em casa e os encontros terapêuticos foram trazendo sentimentos de paz. Neste período, ela buscou também outras terapias alternativas, que pudessem auxiliá-la na busca de equilíbrio. Este foi um período em que Flávia se considerava “*travada*” e com muito medo de se expor em qualquer ambiente.

Um dia, a tia mencionou que a vida da sobrinha seria muito mais difícil por conta da sua definição como lésbica e que seus caminhos estariam fechados, em decorrência disso: *“Aqueles palavras me afetaram muito. Eu me questioneei várias vezes se de fato ela tinha razão. Foram quatro anos angustiada com minha perspectiva de futuro”*.

Flávia relatou sentir uma enorme admiração pela terapeuta da época e que a tinha colocado num pedestal. *“Lá eu podia ser eu mesma”*.

O período do primeiro processo terapêutico abriu espaço importante para o desenvolvimento afetivo e relacional de Flávia. Ela passou a ter sua independência financeira, e a viver, fora da casa da avó, uma vida que se aproximava muito mais de sua visão de mundo.

Após este período, Flávia buscou outras terapeutas, mas *“não deu a liga. Eu não me sentia confortável”*.

Flávia me procurou por ocasião do término de um relacionamento amoroso com a mulher que tinha lhe convencido a adotar uma criança: *“inicialmente, o sonho era dela, que insistiu muito. Eu fui reativa, mas a ideia de ter uma família me seduziu”*. Flávia contou que, aos poucos, foi imaginando uma história que, supostamente, teria um final feliz, onde as mães e o filho acompanhariam cada momento da vida dele, sempre juntas. A respeito de sua chegada ao processo terapêutico, ela comentou: *“O momento da chegada à terapia foi de muita dor, onde eu tive que desconstruir o que idealizei. Era uma dor profunda e uma amiga me indicou a Rosane, que seria alguém que teria força o bastante para, juntamente comigo, enfrentar tudo o que viria pela frente”*.

E complementou sobre como se **sentia** nas sessões e qual o significado da terapia para ela: *“Eu gosto das nossas sessões porque me possibilitam tocar em pontos de vista diferentes. As nossas sessões me ajudam a ver mais coisas além do que eu estou vendo. Tenho a tendência a olhar uma só coisa, por um viés apenas. Nossas conversas vão dando repertório para outras coisas”*.

Flávia contou que a psicoterapia ocupava um lugar muito importante na vida dela porque abriu caminho para que pudesse se sentir mais forte e se apropriar da sua identidade: *“eu passei a me aceitar como sou e me considerar uma pessoa forte, capaz de construir a própria independência”*. A cliente passou a confiar em si mesma e entender que ela não era responsável pelos conflitos familiares. Nossos encontros dedicavam uma atenção especial à busca de novas possibilidades de relacionamento com a sua família e evitávamos buscar responsáveis ou culpados.

Eu entendi, logo de início, que tanto a relação familiar como os vínculos amorosos significavam muito para Flávia e, por isso, precisava recontar sua história, até mesmo para que se sentisse capaz de formar sua própria família.

Em muitos encontros, Flávia questionou sua capacidade e potencial para ser uma boa esposa e mãe e buscamos diversas narrativas alternativas para que ela pudesse rever sua autoimagem. Para tanto, ela revisitou seus relacionamentos amorosos e se deu conta de que projetava nos outros a força que necessitava para mover os seus projetos de vida.

Até os dias de hoje, Flávia busca novas narrativas para auxiliá-la na busca de mais confiança em si mesma. Em nossas sessões, buscamos ampliar o olhar sobre o conceito de família pós-moderna e suas variadas versões de relacionamentos amorosos. Este olhar ampliado foi de grande valia no processo de validação de sua construção de vínculos amorosos. Grandesso (2008) destaca a importância que o olhar pós-moderno atribui à validação da heterogeneidade na convivência familiar.

No campo das práticas de convivência entre pessoas e famílias, a aceitação do diferente bem como do semelhante, implica na construção de significados compartilhados de aceitação de múltiplos códigos e mundos, num reconhecimento da sua heterogeneidade e legitimidade. Assim, se existe algo que se possa chamar de família pós-moderna, não se trata de um novo modelo de família, mas, da coexistência dessas distintas possibilidades, apoiadas na crença de que viver bem não depende de uma forma padrão. (GRANDESSO, 2008, p.4).

Quando conheci Flávia, percebi que ela queria se conectar com suas emoções, mas tinha bastante dificuldade. Juntas, fomos encontrando rotas alternativas que representassem a sua melhor forma de se comunicar. E, aos poucos, ela foi se libertando de sua culpabilização em relação à frustração que ela imaginava ter causado à família.

Revisitamos e recontamos sua história diversas vezes, por vários ângulos, até que, lentamente a dor foi diminuindo, assim como o sentimento de rejeição, e ela se deu conta de que não precisaria ser igual a seus familiares para que houvesse circulação de afeto na família: *“Me dei conta de que tenho coisas que são minhas e não vão mudar”*.

Flávia passou a enxergar a sua realidade de forma distinta, onde, não apenas houvesse uma aceitação de novas configurações familiares, mas, e principalmente, que suas escolhas de vida fossem respeitadas e valorizadas com dignidade.

Com o passar dos anos, a relação familiar se tornou mais fluida, a ponto de seus familiares também adotarem seu filho como primo, neto e sobrinho de todos. Grandesso (2008, p.5) citando Farias (2002), ressalta a importância de protegermos uns aos outros no âmbito familiar:

Neste panorama atual, Farias (2002) considera que não se trata mais de reconhecer os novos modelos familiares, cuja existência e visibilidade são inegáveis, mas sim de protegê-los. Aliás, a família deveria ser “o locus privilegiado para garantir a dignidade humana e permitir a realização plena do ser humano”. (FARIAS, 2002 *apud* GRANDESSO, 2008, p.5).

Flávia comentou que “*não enxergava minha sexualidade como algo bom e achava que precisava viver em guetos*”. Uma importante mudança atual é que ela não mais se importa que as pessoas saibam de sua definição de orientação como lésbica. Prova disso é que, há cerca de um ano e meio, ela colocou a bandeira LGBTQIA+ em suas redes sociais.

Flávia se referiu aos nossos encontros terapêuticos como uma mistura de acolhimento com sentir-se desafiada.: “*Sou uma pessoa bem fechada e digo que você (referindo-se a mim) sabe muita coisa da minha vida. Eu sei que preciso contar as coisas no meu tempo*”.

Ela reafirmou que precisa se sentir desafiada para que evolua, ou seja, mencionou que gosta de repensar os contextos, enxergar outros vieses, que, segundo ela, sozinha tem dificuldade de conseguir.

Nossa trajetória psicoterápica vem sendo marcada por um caminho não pré-definido. Ao contrário, estamos, de fato, desbravando uma floresta juntas, onde ela aponta a direção e eu ajudo a iluminar o caminho. Ora andamos para a frente, ora retrocedemos, ora desviamos a rota. Mas, há uma certeza entre nós: de que não existe um caminho pré-estabelecido.

Embora meu atendimento seja direcionado a ela, temos buscado olhar sua história familiar por vários ângulos, ouvir como ressoam nela as vozes de cada um de seus familiares, tanto individualmente quanto em grupo. Eu, como terapeuta, tenho buscado abordar o olhar pós-modernista de atendimento colaborativo, como Grandesso (2008) evidencia em seus escritos:

Como terapeutas pós-modernos, estamos sempre desafiados a construir nossos caminhos por territórios desconhecidos e sem mapas, tendo como guias justamente as pessoas que nos procuram e esperam pela nossa ajuda (GRANDESSO, 2000). Isso implica numa posição de humildade de modo a construir um contexto de proximidade, escuta aberta e aceitação das diferenças para que cada membro da família possa sentir-se respeitado e compreendido. (GRANDESSO, 2008, p.11).

Procurei relatar neste trabalho a história de uma mulher que se apresentou como lésbica na busca de um lugar de respeito e aceitação, fazendo frente ao

preconceito discriminatório, que segue sendo uma meta a ser atingida pela sociedade contemporânea. Tivemos muitos avanços, mas, Trevisan (2018), ainda se posiciona bastante cético em relação à desconstrução da discriminação em relação à diversidade de orientação de gênero nos dias de hoje. Acho que vale a reflexão, por isso encerro meu trabalho com os seus dizeres:

Assim, a opressão que tenta sufocar nosso desejo, ela mesma será o motor da nossa luz e da nossa dança de vaga-lumes na noite. Quanto mais escuridão dos opressores, maior será a luz emitida pela purpurina dos oprimidos. (TREVISAN, 2018, p.791)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a um avanço significativo em direção a uma sociedade menos discriminatória, mais receptiva a uma variada gama de possibilidades de relacionamentos amorosos, ainda encontramos uma parcela da população resistente a novos olhares. O preconceito deste grupo de pessoas agride qualquer orientação de gênero que não se defina dentro dos padrões heteronormativos, binário de “ou é homem, ou é mulher”.

Este trabalho me permitiu, enquanto terapeuta, uma aproximação do universo de uma mulher que definiu sua orientação de gênero como lésbica, perante uma família que se mostrou inicialmente intolerante à frustração de não manter as “regras heteronormativas” naquele núcleo familiar. Flávia (nome fictício de minha cliente) teve que trilhar um longo percurso, mas vem conquistando, a cada dia mais, a sua liberdade de ser e existir, tanto na família, quanto no trabalho.

Para me aprofundar no tema, utilizei minhas anotações de sessões durante o processo terapêutico e os complementei através de uma conversação de base dialógica orientada por algumas perguntas específicas sobre as experiências vividas por minha cliente ao revelar sua identidade como lésbica para sua família. Este trabalho ressalta a caminhada de Flávia para poder ser aceita por sua família que, apesar de laços afeto, comportaram-se de forma intolerante e preconceituosa.

Percorremos, ao longo de nossas conversas, 20 anos de história de Flávia, permeados por momentos de extrema tensão, com brigas e agressões; outros de silêncio e convivência protocolar e, também, contextos de luta contra a homofobia, tanto no âmbito público quanto no privado. A junção de todos esses momentos acabou por transformar a postura de Flávia diante das dificuldades da vida.

Flávia relatou minuciosamente os dias mais difíceis de sua vida, permeados por agressões verbais e também físicas, e essa vivência foi fundamental para que ela sentisse a urgência de buscar outras histórias dentro de sua própria história. Em um primeiro momento, ela se afastou para que pudesse se fortalecer e retornar, enfrentando o preconceito, aparente ou velado, da família. Foi um processo gradual de reintegração dos afetos e das relações desta família, por meio de ressignificações e novas narrativas para antigas histórias.

Tenho clareza que o processo de aceitação do “diferente” vem sendo uma construção gradual ao longo dos anos, testemunhando que o caminho de mudança

leva tempo, até que se possa experimentar uma adaptação a uma nova condição. As mulheres vêm testemunhando grandes transformações, mas sempre com luta e busca de legitimação de seus direitos. Flávia teve que acoplar o fato de ser mulher e lésbica em uma sociedade preconceituosa e machista.

Por esta razão, procurei fazer um breve panorama da história da mulher a partir do século XX, passando por seus movimentos em busca de direitos e liberdade. Lancei mão, durante esta trajetória, de estudos e publicações a respeito da evolução do conceito de gênero ao longo dos anos e busquei uma compreensão maior sobre a homossexualidade tanto no século XX quanto na contemporaneidade.

Quanto ao processo terapêutico, Flávia descreveu ter sido de grande valia em sua trajetória, especialmente por sentir um espaço seguro e livre de preconceitos. Acolhimento e empatia, segundo ela, foram fundamentais para que pudesse se sentir segura em jornada de apropriação de si mesma.

As perguntas que fiz para a minha paciente me permitiram aprofundar ainda mais na compreensão do significado da relação terapêutica, que, de fato, foi relevante no processo de transformação de Flávia.

Destaco aqui a riqueza de detalhes da descrição da vida de Flávia que, me permitiu vivenciar a sua história com olhar empático e reflexivo. E minha expectativa é que este relato possa também sensibilizar o maior número de pessoas para o sofrimento e dano emocional que o preconceito é capaz de ocasionar.

Quando descrevemos algo de forma genérica, ou seja, frases do tipo “não ao preconceito”, certamente contribuímos para a divulgação de um valor importante.

Não obstante, ao acionarmos o zoom na fotografia de famílias heteronormativas, podemos enxergar com mais nitidez os detalhes ali expostos. É no zoom que reconhecemos as expressões de sofrimento, desesperança, desdém ou hostilidade de um ou alguns de seus membros. É no mesmo zoom que pude descrever minha cliente assustada e solitária, como um cisne em meio a patos.

E é por essa razão que coloquei uma lente especial nesta história: para que se possa aumentar as chances de sermos impactados e nos questionarmos sobre as narrativas dominantes, muitas vezes insuficientes para equalizar o ambiente familiar.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2016.
- BELIN, M. O.; NEUMANN, R. História da homossexualidade no Brasil: abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBTQ+. Artigo Científico. *Repositório Universitário da Ânima (RUNA)*, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16212#:~:text=Os%20levantamentos%20bibliogr%C3%A1ficos%20sempre%20seguem,e%20reprimiram%20o%20impulso%20da> Acesso em: 20 set. 2022.
- BUTLER, Judith. P. *Problemas de gênero: feminilidade e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo. Editora Pensamento, 2005.
- GERGEN, K. *El ser relacional*. Más allá del yo y de la comunidade. Bilbao, Espanha: Editorial Desclée De Brouwer, 2016. p. 4905, 4926, 7299, 7459, 7620, 7640, 7773-7784.
- GRANDESSO, M. A. Viver em Família – que tipo de futuro nós terapeutas familiares podemos ajudar a construir? In: MACEDO, R. M. S. *Terapia Familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Editora Roca, 2008. p. 6-16,12, 11
- HORTA, A.L.M.; FEIJÓ, M.R. (Orgs.). *Sexualidade na Família*. Florianópolis, SC: Expressão & Arte, 2006.
- MACEDO, R. M. S. Sexualidade e Gênero. In: HORTA, A.L.M.; FEIJÓ, M.R. (Orgs.). *Sexualidade na Família*. Florianópolis, SC: Expressão & Arte, 2006.
- MOTA, M. S.; SILVA, G. J. Os Anos de chumbo e a produção televisiva: a revolução feminista no seriado *Malu Mulher*. *Anagrama*, v. 4, n. 4, p. 1-16, 2011. p. 11. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2011.35544>. Acesso em: 11 set. 2022.
- OSORIO, L. C.; PASCUAL DO VALE, M. E. (Orgs.). *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 488p.
- SILVA, L.G.T, e CAMPOS, C.G. Os movimentos LGBTQ e feminista no Brasil: Da mordada autoritária à publicidade na esfera transacional. *Revista Perspectivas Sociais*, ano 3, n. 1, Pelotas, fev. 2014.
- SANT'ANNA, M. S.; DASPETT, C. "O pote de ouro no final do arco-íris": Casais e famílias homossexuais. In: Horta, A. L. de M.; FEIJÓ, M. (Eds.). *Sexualidade na família*. Florianópolis, SC: Expressão & Arte, 2007. pp. 161-174.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 791.

WALSH, F. *Processos Normativos da Família*. Diversidade e Complexidade. 4 ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2016. p. 295.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Eu, F. S, brasileira, portadora do documento de identidade RG número xxxxxx597, estou sendo convidada a participar de um estudo denominado **Identidade de Gênero**: uma caminhada em busca de um novo lugar na família, cujo objetivo é construir conhecimento a partir de um estudo de caso baseado em um atendimento clínico. Neste trabalho, autorizo a terapeuta Rosane Mincis Varnovitzky a reproduzir e tornar públicos alguns temas discutidos em sessão, com o objetivo de auxiliar na ampliação da consciência social.

Estou ciente de que o sigilo em torno da minha identidade e privacidade será garantido por este termo.

A psicóloga Rosane Mincis Varnovitzky foi a realizadora do trabalho, com orientação da dra Marilene Grandesso, no COGEAE

Manifesto, aqui, meu livre consentimento em participar deste trabalho. Coloco-me à disposição para quaisquer informações adicionais.

São Paulo, 09 de Dezembro de 2022

NOME DO PARTICIPANTE: F S

ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____

A handwritten signature in blue ink is written over a horizontal line. The signature appears to be 'F. S.'.

NOME DA PSICÓLOGA: Rosane Mincis Varnovitzky

Fone: (11) 993442211

E-mail:tucavar@gmail.com